

# CALENDÁRIO

Lua cheia, dia 7  
Quarto minguante, dia 14  
Lua nova, dia 21  
Quarto crescente, dia 29

**Dias de abstinência:** Para os que têm indultos, 13, 20 e 21. Para os que não têm indultos, as sextas-feiras e os dias 18, 21 e 24.

**Dias de jejum:** Para os que têm indultos, dia 21. Para os que não têm indultos, dias 18, 20, 21 e 24.

Os que, tendo indultos, não guardarem a abstinência e não jejuarem no dia 21, têm de o fazer no dia 24.

**BOA SEMENTE**

PUBLICAÇÃO MENSAL

Poço Novo 7 — Lisboa

Telef. 21753

Propriedade, redacção e edição da  
LIGA AGRÁRIA CATÓLICA FEMININA

Composto e impresso na Tip. UNIAO GRÁFICA — Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA



**Boa Semente**

DEZEMBRO DE 1957

70



# GRÃOS DE LITURGIA

Retomamos hoje o assunto interrompido no número de Abril.

As posições ou posturas que a liturgia nos ensina e manda, tais como o dobrar o joelho, o levantar-se, ajoelhar, pôr as mãos, bater no peito, etc., mostram a nossa comunicação interior com Deus.

Se a maneira de assistir à missa não é rigorosamente igual em todas as dioceses há no entanto certas passagens em que o sentimento não deixa de se exprimir da mesma forma. Por exemplo: ao Evangelho.

Há boas almas que teimam, e julgam dever ser de joelhos a forma mais respeitosa de o ouvir.

Explica-se bem a razão de ser de pé. Suponhamos que estando nós numa sala sentadas a descansar, vemos aproximar-se alguém que se nos dirige.

Se esse alguém é pessoa a quem devemos respeito ou pela sua idade ou pela sua classe, o nosso primeiro movimento é pormo-nos de pé para ouvir a sua palavra e para lhe responder. Isto quer dizer, que deixámos tudo aquilo em que estávamos a pensar, e todos os nossos sentidos e a nossa atenção é para atender quem nos fala. Respeitosamente, pomo-nos de pé. É a posição do soldado pronto para receber uma ordem. É por isso de pé que devemos ouvir as palavras de Nosso Senhor.

Os pescadores da Galileia estariam talvez sentados a concertar as redes quando a palavra de Jesus os chamou e logo se teriam posto de pé com firmeza.

Os primeiros cristãos era de pé que rezavam, com os braços levantados, da mesma maneira que ainda hoje na missa o sacerdote reza o Pai Nosso.

Devemos pois levantarmo-nos todos como se fôssemos realmente um só corpo, usar como manda a igreja, e não ter uma opinião formada à parte.

Na igreja todos os movimentos devem ser comuns, como comum é o sacrificio que ali se realiza.

«Ecce Agnus Dei. Ecce qui tollis peccata mundi».

«Eis o cordeiro de Deus, eis o que tira os pecados do Mundo». Estas palavras disse são João Baptista quando quis mostrar Jesus à multidão.

Disse-as para que todos O olhassem, para que todos O vissem. Portanto a estas palavras devemos olhar para a sagrada hóstia, e só depois nos curvamos respeitosa e reverentemente.

Não devemos perder a ocasião de poisar os nossos olhos no verdadeiro corpo de Deus.

Também no ofertório, à elevação tanto da hóstia como do cálix é vulgar ver as pessoas curvarem-se antes que olhem o Divino Corpo e Sangue.

Que pena! É um momento tão belo que perdem!

A porta de um sacrário aberto faz-nos sentir como que a certeza de um olhar sobre nós, é como um calor que nos envolve ou uma força invisível que nos atrai. Os nossos olhos não se desprendem facilmente dum Sacrário aberto ou do S.S.<sup>mo</sup> Sacramento exposto. Por reverência, se comungarmos fora da missa e se não for necessário ceder o nosso lugar a outra pessoa, não devemos deixar a mesa da comunhão antes que a porta do sacrário esteja fechada e o sacerdote nos dê a sua bênção.

A posição de joelhos quer dizer humildade e submissão. No entanto nós como nos custa estar de joelhos damos-lhe muitas vezes o valor de sacrificio.

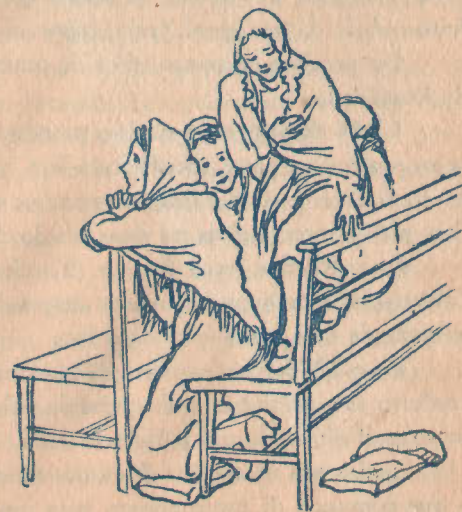
De uma maneira ou de outra é preciso que a nossa posição seja digna do lugar em que estamos. Se a falta de saúde, ou qualquer sofrimento nos joelhos nos impede de ajoelhar bem, mais vale estar de pé. Já vimos em certas igrejas de aldeias o feio uso de juntar os bancos propositadamente para que as pessoas possam ficar além de encostadas ao banco da frente, meias sentadas no banco de traz.

Além disto ainda a almofada debaixo dos joelhos, dá às pessoas um ar de moleza ou preguiça, sacrificio feito por favor, que muito provam a falta de compreensão de quem assiste à Santa Missa.

Os bancos assim juntos não permitem estar de pé nem passar sem ser por cima dos próprios bancos.

É pena, ver raparigas novas e mulheres sadias, encostadas e amparadas como velhinhas sem força!

(Cont. na pág. 18)





# O Menino Jesus Sorriu!...



Na pobre cabana da tia Sabina, as lágrimas caíam dos seus olhos cansados e dos olhitos negros do neto, um garoto de sete anos, filho do pecado que levava para longe a mãe, ainda ele mal se sustinha nas perninhas débeis.

Crescera à mingua de carinhos.

A avó andava pelos campos, angariando uns cobres para a broa e na aldeia não gostavam de filhos sem pai. Pensavam as mulheres dessa recôndita povoação, na simpleza dos seus raciocínios que, sem pais unidos pelo casamento, os filhos traziam os piores defeitos...

Naquele meio hostil, o Emilio foi crescendo, pobrezinho de afectos, abrigado na casita de telha vã, onde o piso era de terra batida e a cama uma velha esteira.

Nem sempre a barriguita estava confortada, mas, à ceia, a avó, cansada da pesada tarefa, em que andava, de sol a sol, fazia um caldo de couves e, mi-

gada nele a broa de milho, aconchegavam os estômagos famintos.

O Emilio era um garoto de boa índole, inteligente e dócil. As vezes, chamavam-no para guardar umas cabras e levá-las a pastar, mas se o não chamavam, ia para o campo com a avó ou brincava com os garotos da sua idade, mas, amiúde, soavam-lhe aos ouvidos as vozes das mulheres, ralhando com os filhos por brincarem com o vadio...

Perguntava a si mesmo porque era vadio, ele que se julgava igual aos outros, mas a palavra tinha para o seu entendimento infantil um sentido tão vago que não compreendia o que nela havia de depreciativo.

Naquela manhã, a avó fora para a monda, nas Bouças. Perto do meio-dia, o Emilio lançou fogo a uns gravetos, aqueceu o magro caldo e, pondo a panelita e o pão no cesto, foi levar o jantar à velhota. Chegado à quinta, foi direito ao campo, onde o pessoal trabalhava.

Mal tivera tempo de pousar o cesto, quando o capataz lhe gritou: — Fora daqui, catraio de má raça. Com que então foste tu o ladrão que roubou a fruta do pomar? Vadio, gatuno... Vai-te, desaparece daqui...

O Emilio estremeceu. Um frio percorreu-lhe o corpinho magro. Lá que lhe chamassem vadio, vá... A palavra não lhe soava bem, mas passava, tanto se habituara a ouvi-la, que lhe era indiferente. Mas chamarem-lhe gatuno, a ele, que, tantas vezes, chorava com fome, sem que a sua mão tocasse no que não era seu, revoltava-o.

Voltou para o homem o rostozito contraído e, de olhos brilhantes e a voz firme, gritou-lhe: — Eu nunca roubei nada a ninguém. Nunca roubei...

— Ah! não roubaste?... Então, diz-me: de quem é esta boina, que estava caída no pomar?

— A boina é minha. Roubaram-ma e a minha avó bem sabe que, há dias, a procuro. Não é assim, avó?

A velha, aflita, correu para junto da criança e o neto, agarrando-a pela saia e chorando, exclamou: — Diga-lhe, diga-lhe que eu não sou ladrão, que nunca roubei...

Mas o capataz erguia, como um testemunho inegável, a boina esburacada e replicava-lhe com ar triunfante: — Foste tu o ladrão e até lá deixaste a boina...

A avó defendeu-o, mas de nada serviu e, desde esse dia, o mulherio não se limitou a alcinhá-lo de vadio...

Todos o desprezavam. Todos o corriam, receosos de que o Emilio os roubasse e o pobre pequeno sofria e chorava ou bramia desesperado com a injusta suspeita.

Os roubos continuavam: fruta, criação, hortaliças e até as roupas que estavam nos estendais.

O Emilio era sempre o acusado e a Sabina não escapava à desconfiança que envolvia o neto.

Um dia, a senhora professora queixou-se ao regedor. Alguém lhe entrara em casa e lhe levava umas jóias. O homem passou revista ao pobre tugúrio da Sabina e nada encontrou, mas o mulherio apontava a dedo o rapaz e ele foi levado e açoitado para confessar o furto.

A Assunção contou que o filho vira o Emilio no quintal da mestra e, embora o roubo não tivesse sido encontrado e o garoto negasse sem fraquejar, um só instante, nada o salvou da acusação e maior se tornou o desprezo que lhe votavam.

A Sabina, envelhecida, alquebrada, sofria profundamente e chegava a duvidar do neto.

Quem lhe levava o pequeno por tão maus caminhos? Quem se servia da criança para se aproveitar dos roubos?

Estas perguntas perseguiam-na, noite e dia, mas, por mais que vigiasse o rapazinho, não desvendava tão martirizante mistério.

O seu pobre coração já sofria tanto por não saber da filha, que, desde que se fora da aldeia e lhe deixara o menino, nunca dera notícias e, agora, via o pobre Emilio acusado por todos e ela própria a lutar com a negra miséria, porque fugiam de lhe dar trabalho, apontando-a como encobridora do neto.

Uma noite, rezavam os dois e a velha, parando de desfiar o terço, puxou para si o neto e, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto pregueadinho de fundas rugas, perguntou-lhe:

— Ó Emilio, eu sempre te ensinei a não pegares em nada, mesmo que a fome fosse muita. Todos te acusam. Todos dizem que roubas. O Silvino da Assunção diz que te viu no quintal da mestra e que te viu, também, no moínho do Tomás, a quem roubaram milho. Se foste tu, rapaz, diz-me a verdade. Confessa-te a mim, que te criei, que sou a única que te quer bem. Diz-me, filho, para que roubas e que fazes ao que roubas?

O rapazinho ergueu-se, de chofre, soltou-se dos braços da avó e, de faces afogueadas, disse-lhe:

— Pois vocemecê diz que me quer bem e chama-me ladrão, como aqueles que me correm como a cão danado? Eu nunca roubei nada. Nada, avó!

Os soluços sufocavam-no, mas olhava, de frente, a avó, que continuava a interrogá-lo: — Mas então a boina, que tu disseste que tinhas perdido? Como foi ela parar ao pomar das Bouças?